

## **INGRESSO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: JOVENS ORIUNDOS DE ESCOLAS PÚBLICAS EM CURSOS DE “ALTO PRESTÍGIO SOCIAL” NA UFPB**

Nilcione Maciel Lacerda BATISTA  
Universidade Federal da Paraíba-UFPB  
Nilcione\_maciel@hotmail.com

Emília Maria da Trindade PRESTES  
Universidade Federal da Paraíba-UFPB  
prestesemilia@yahoo.com.br

**RESUMO:** A universidade é reconhecida como instituição formadora e disseminadora de bens educacionais universais, contribuindo para a promoção da mobilidade social dos indivíduos, na medida em que se utiliza do ensino, da pesquisa e da extensão para desenvolver competências intelectuais, sociais e políticas. O atual desafio da Universidade Federal da Paraíba - UFPB é assegurar a permanência, com êxito, de grupos diversificados de estudantes, principalmente dos jovens oriundos de escolas públicas. Esse fato aponta para a necessidade de estudos sobre a vivência acadêmica desses sujeitos nas suas trajetórias singulares e, ao mesmo tempo, instiga a discussão sobre as medidas e programas voltados para o apoio ao estudante, em especial, sobre o Programa de Iniciação Científica-PIBIC/CNPq. A finalidade deste estudo<sup>1</sup> consiste em apreender os sentidos dos sujeitos e a contribuição dos programas no processo de inserção e permanência dos jovens de origem popular no ensino superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Democratização da educação superior. Universitários oriundos de escolas públicas. Programas de Iniciação Científica.

**RESUMEN:** La universidad es reconocida como institución formadora y difusora de los bienes educacionales universales, contribuyendo para la promoción de la movilidad social de los individuos, en la medida que se utiliza de la enseñanza, de la investigación y de la extensión para desenvolver competencias intelectuales, sociales y políticas. El actual desafío de la Universidade Federal da Paraíba – UFPB es asegurar la permanencia, con éxito, de los diversos grupos de estudiantes, principalmente de los jóvenes oriundos de las escuelas públicas. Este hecho apunta para la necesidad de estudios sobre la vivencia académica de esos sujetos en sus trayectorias singulares y, al mismo tiempo, instiga la discusión sobre las medidas y programas centrados para el apoyo al estudiante, en especial, sobre el Programa de Iniciación Científica - PIBIC/CNPq. La finalidad de este estudio consiste en comprender los sentidos de los sujetos y la contribución de los programas en el proceso de inserción y permanencia de los jóvenes de origen popular en la educación superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Democratização da educação superior. Universitários oriundos de escolas públicas. Programas de Iniciação Científica.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado, tomando como base um dos capítulos da pesquisa de Nilcione Maciel Lacerda Batista, em sua Dissertação de Mestrado intitulada “Trajetórias de sucesso escolar dos jovens oriundos de escolas públicas no ensino superior (2016)”, no Programa de Pós-Graduação em Educação Popular-PPGE/UFPB, desenvolvida sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emília Maria da Trindade Prestes.

## **Introdução**

A temática relacionada ao acesso e à permanência de jovens das classes populares na educação superior encontra-se na ordem de prioridades das políticas públicas, uma vez que se espera que o poder público atenda, com prioridade, os segmentos sociais mais necessitados de reparação dos danos sociais históricos.

Para a maioria dos jovens de origem popular, o processo de escolarização vivenciado no ensino público não é suficiente para habilitá-los a tornarem-se estudantes universitários. Portanto, é preciso desenvolver estudos que permitam conhecer alguns aspectos das trajetórias socioeducacionais dessa população, bem como as condições objetivas que as instituições de ensino superior público ofertam para que lhes sejam assegurados o ingresso e a permanência.

Na realidade, as estatísticas apontam, numa tendência crescente, mudanças no perfil da população universitária nas duas últimas décadas. Esse fato tem relação com a implementação de políticas e programas voltados para a democratização do acesso à educação superior.

Dados mais recentes do IBGE/PNAD (2014) apontam que as oportunidades de acesso ao ensino superior vêm progressivamente beneficiando outros segmentos da população, ainda que de forma lenta. Essa mudança pode ser observada com relação ao aumento da população jovem, de 18 a 24 anos de idade que, de 2004 a 2013, passou de 10,4% para 16,3 % à proporção de alunos que frequentavam o ensino superior. Entretanto, esse avanço não é suficiente para que o Brasil consiga atingir os índices educacionais estabelecidos na Meta 12 do Plano Nacional de Educação PNE cuja taxa líquida prevista até 2024 é de 33%. A Meta 12 PNE é levar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 18 a 24 anos, assegurada a qualidade da oferta e expansão. Lei nº 13.005 de 25/06/2014 que aprova o PNE, correspondente ao decênio

2014-2024. Essa informação está disponível no site <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)>.

No que diz respeito ao alunado oriundo de escolas públicas, o ingresso deste na universidade é permeado de riscos capazes de lhe impossibilitar o término do curso. Sabemos que o ingresso em uma instituição pública, com forte concorrência no processo seletivo, pressupõe, sem dúvida, uma formação anterior favorável e por esta razão a elite foi, de forma majoritária, historicamente privilegiada.

Por outro lado, a lógica do mercado de trabalho estabeleceu socialmente uma hierarquia nas carreiras e nos cursos de graduação, estabelecendo uma distinção entre os cursos elitistas, voltados para as “carreiras de alto prestígio social”, e para as licenciaturas destinadas à formação de profissionais em “carreiras menos privilegiadas” na sociedade.

Segundo o estudo de Rezende Pinto (2004, p.737) sobre o perfil socioeconômico dos universitários brasileiros, identificamos que a escolha dos cursos de graduação estava, na maioria das vezes, condicionada aos indicadores de renda familiar e à rede de ensino (público e privado). Os estudantes de maior poder aquisitivo preferiam os cursos: Medicina, Direito, Odontologia, Engenharia Civil, e em menor percentual, mas situando-se numa faixa de renda intermediária, Administração e Jornalismo. Já os estudantes de menor poder aquisitivo optavam por cursos de licenciatura como Matemática e Pedagogia.

Esse cenário ilustra a tese da “elitização” e como ela se configurava nos cursos de graduação das universidades públicas. No entanto, a partir de 2007, podemos dizer que o perfil da população universitária começou a sofrer modificações com a implantação de algumas políticas públicas, como: o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação das Universidades Federais – REUNI e a expansão da oferta de vagas com a Lei das Cotas (Lei nº 12.711/2012), que reserva 50% das vagas de cursos superiores para alunos vindos de

escolas públicas, oriundos de famílias com renda inferior a um salário mínimo e meio, bem como para os estudantes autodeclarados negros e indígenas.

Os dados mais recentes de matrículas das universidades públicas revelam os efeitos das políticas de inclusão social adotadas nas últimas décadas e confirmam a tendência de crescimento de estudantes das classes populares no ensino superior.

No caso da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, observando a evolução das matrículas no período de 2007 a 2013, por rede de ensino (pública e privada), constatamos uma tendência de ocupação das vagas de graduação por estudantes oriundos das escolas públicas, como demonstra a tabela 01:

**Tabela 01** – Matrículas de estudantes na UFPB, segundo a origem escolar, no período de 2007 a 2013

IES	PERÍODO	Nº DE MATRICULADOS POR REDE DE ENSINO				TOTAL	% *	
		REDE PÚBLICA	REDE PRIVAD	AMBAS REDES	NÃO INFORMOU		PUB	PRIV
UFPB	2007	909	2.130	334	7	3.380	27%	63%
	2013	3.544	3.147	446	119	7.256	49%	43%

**Fonte:** Superintendência de Tecnologia da Informação – STI-UFPB (2015).

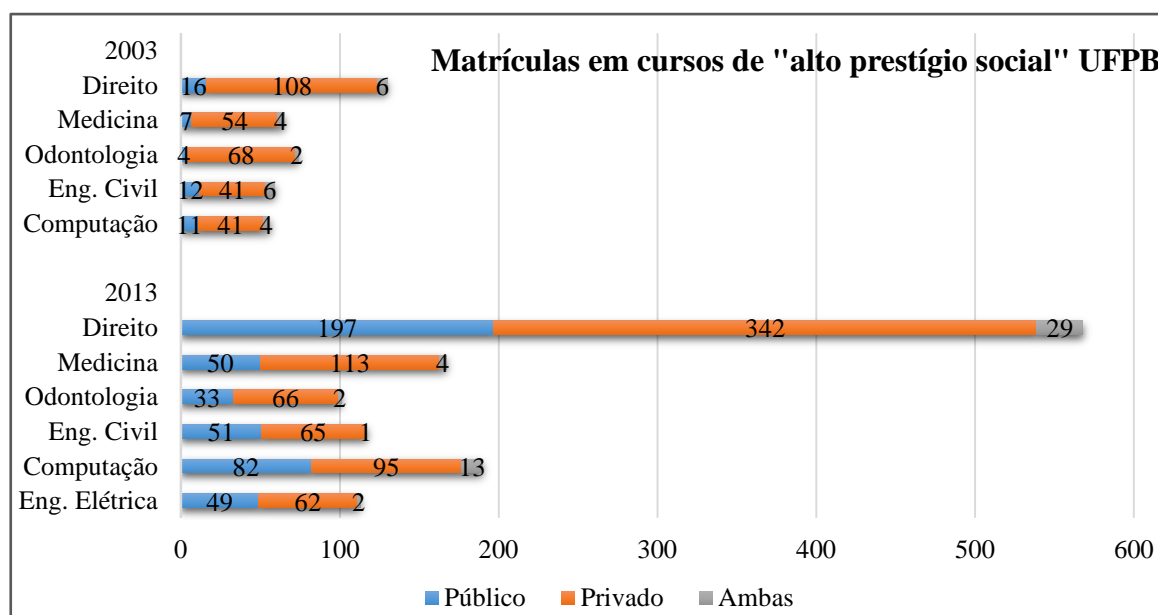
**Nota:\*** A soma dos percentuais não totalizam 100%, pois não foram computados os dados relativos ao nº de estudantes egressos de ambas as redes e nem os casos não informados.

Os dados de matrícula da UFPB refletem bem o crescimento no ingresso de estudantes de baixa renda, pois o percentual de estudantes oriundos da rede pública mais que duplicou nos últimos anos, passando de 27% em 2007 para 49% em 2013. Apesar dessa mudança no perfil da população estudantil, ainda há uma forte concentração de estudantes egressos de escolas privadas nas universidades públicas. Portanto, resta questionar se o ingresso crescente de estudantes de origem popular no ensino superior também tem se refletido na ocupação de vagas em cursos considerados “alto prestígio social” ou isso ainda é utopia.

Na tentativa de responder a esse questionamento, recorreremos aos dados de matrícula dos cursos de graduação do Campus I da UFPB que apresentam alta demanda na

concorrência das vagas por estarem relacionados a “carreiras de alto prestígio social”, são eles: Direito; Medicina; Odontologia; Engenharia Civil; Engenharia Elétrica e Ciências da Computação. Dados do Ministério da Educação apontam que em 2013.1 a maior nota de corte na Universidade Federal da Paraíba – UFPB acompanhou a tendência nacional e ficou no curso de Medicina, com 791,46 pontos pelo ENEM/SISU. O curso de Direito ficou com a segunda maior nota de corte com 754,46 pontos. Em seguida veio Engenharia Civil (742,84 pontos), Odontologia (734,50 pontos), Engenharia Elétrica (718,26 pontos) e Ciências da Computação (697,02 pontos). Todos na disputa por Ampla Concorrência. Essas informações estão disponíveis no site: <<http://blogdoenem.com.br/sisu-notas-de-corte-ufpb/>>. Vejamos o gráfico 01:

Gráfico nº 1- Matrícula de ingresso de estudantes em cursos de alta demanda no Campus I/UFPB, por rede de ensino, no período de 2003 a 2013:



Fonte: Dados da Superintendência de Tecnologia da Informação/ STI-UFPB, 2015. Nota: O curso de Engenharia Elétrica só foi implantado na UFPB a partir de 2010.

Os dados demonstram o significativo redimensionamento do perfil dos estudantes nos últimos anos, ou seja, a UFPB apresenta-se com um público cada vez mais diversificado, em especial, nos cursos considerados de “alto prestígio social”. Em 2003, o perfil que predominava em todos os cursos era o ingresso de estudantes oriundos da rede

privada e provenientes de famílias com nível social e econômico elevado. Já em 2013 o cenário é outro, constatamos um crescimento na ocupação das vagas por jovens oriundos de escolas públicas em espaços acadêmicos que, por via de regra, eram reservados aos mais aquinhoados.

Observamos que, em alguns cursos, a ocupação dessas vagas pelos estudantes da rede pública representa quase 50% do total, é o caso de Ciências da Computação, Engenharia Civil e Engenharia Elétrica. Porém, em cursos como Medicina, Odontologia e Direito, a maioria das vagas são ocupadas por estudantes oriundos da rede privada.

Pierre Bourdieu, ao descrever a “teoria da reprodução social”, afirma que o acesso ao ensino superior ocorre de maneira desigual para os sujeitos das diferentes classes sociais:

[...] um jovem de camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de um operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores às daquelas de um jovem de classe média (BOURDIEU; PASSERON, 1964, apud NOGUEIRA; CATANI, 1998, p. 41).

Isso porque, segundo Nogueira e Catani (1998), o desempenho e os percursos escolares dos estudantes são determinados pelo capital cultural adquirido pelas diferentes categorias sociais, ou seja, as classes mais favorecidas são detentoras de um conjunto de recursos (língua, representações culturais, motivações) que, uma vez herdados pelos seus filhos, determinam o seu sucesso escolar. Enquanto isso, os sujeitos provenientes das classes populares, menos cultivados, teriam assim mais dificuldades escolares. “Para uns a aprendizagem da cultura da elite é uma conquista, para outros, uma herança” (BOURDIEU, 1964).

A esse respeito, Setton (2005) defende que Bourdieu não desconsidera a existência dos grupos populares na disputa pela cultura legítima, ou seja, estes segmentos não são destituídos de recursos que os habilitam a participar das lutas simbólicas. Ao contrário,

Bourdieu enfatiza que a desigual distribuição desse recurso raro estimula o conflito entre os grupos sociais nas sociedades modernas.

Diante desse contexto, o desafio atual das políticas públicas de educação superior vai além da democratização do acesso, é preciso garantir a permanência de grupos específicos de estudantes. Para os estudantes de origem popular, conquistar a certificação em nível superior envolve uma complexidade de fatores que exige destes a adoção de estratégias capazes de lhes assegurar a superação das dificuldades na rotina acadêmica, evitando fracassar no percurso.

No momento atual, em que a universidade brasileira vivencia um processo de significativas mudanças, faz-se necessário acompanhar as populações jovens que nela ingressam, especialmente aqueles de origem popular, para compreender o que impacta suas vidas num período que envolve a transição para a vida adulta.

Na medida em que nos detemos a interpretar trajetórias “singulares” de “sucesso escolar improvável” (LAHIRE, 1997) de estudantes das classes populares, estamos adotando uma abordagem microsocial do fenômeno, com o intuito de contribuir para outra visão da temática que se diferencie da perspectiva institucional e/ou governamental. No entanto, isso não significa que nos desvinculamos dos contextos ampliados (nível macro) no qual o problema estudado se insere como um fenômeno complexo (COULON, 1995).

### **Perfil Socioeconômico e Acadêmico dos Estudantes/Bolsistas do PIBIC/CNPq**

A relevância de estudos com esse segmento estudantil no ensino superior justifica-se não só pela significativa inclusão quantitativa diagnosticada nos últimos anos, mas pela preocupação em avaliar as condições efetivas de integração e rendimento destes jovens na vida acadêmica.

Na dissertação de mestrado, o estudo abordou, *a priori*, os conceitos e teorias que discutem o processo de democratização da educação superior e as trajetórias improváveis de sucesso escolar. Em seguida, procurou dar voz aos estudantes oriundos de escolas públicas que frequentavam cursos de “alto prestígio social” com o intuito de conhecer suas trajetórias de escolarização e, por último, buscou analisar essas trajetórias e a relação com o sucesso escolar. Nesse artigo, nos detemos apenas à análise do perfil socioeconômico e acadêmico dos estudantes selecionados na amostra. Foi definido como objetivo principal conhecer e analisar as disposições que favorecem o “ingresso e a permanência de jovens oriundos de escolas públicas no ensino superior” e sua relação com o “sucesso escolar”, tomando como campo de estudo a Universidade Federal da Paraíba-UFPB.

Nossa atenção se volta para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), considerando sua relevância no campo da pesquisa por entender que esta atividade acadêmica contribui para articulação entre ensino e extensão e, ao mesmo tempo, envolve o aluno em ações de produção do conhecimento que podem potencializar a permanência e a conclusão, na perspectiva inclusiva (JEZINE, FARIAS e FELINTO, 2015).

No âmbito universitário, o PIBIC é considerado um Programa seletivo e de distinção acadêmica, tanto pela relevância científica dos projetos de pesquisa aprovados pelo CNPq, como pelo rigor da seleção dos estudantes/bolsistas cujos critérios são adotados pelos próprios professores pesquisadores autores das pesquisas, ou seja, eles optam pelos estudantes que melhor podem contribuir para o desenvolvimento da sua pesquisa.

A relevância acadêmica e a dimensão dos Programas de Iniciação Científica na UFPB nos impulsionaram a buscar mais informações sobre a participação dos estudantes universitários oriundos de escolas públicas nesses programas, mais especificamente no PIBIC/UFPB/CNPq.



Tabela 02 – Perfil dos Bolsistas PIBIC/UFPB considerando o período de ingresso na Graduação (2007.1 a 2014.1)

Quant. Bolsistas PIBIC	SEXO		ORIGEM ESCOLAR (EM)				FORMA DE INGRESSO ENSINO SUPERIOR						
	Masc.	Fem.	Pub.	Part.	Pub. Part.	Não Inform	Vest. PSS	ENEM SISU	Graduado	Reopção curso	Transf	Ead – Reopção	Outros*
4.388	1833	2.555	1.684	2.315	278	111	3.491	562	92	86	107	22	28
%	42	58	38	53	6	3	80	13	2	2	2	1	1

**Fonte:** Dados da pesquisa (2015) fornecidos pela Superintendência de Tecnologia da Informação – STI/UFPB (abril 2015).

**Nota:** \*Outros: Decisão Judicial PSS; Decisão CONSEPE; Mobilidade Interna; Mudança de Campus/Curso; PSS por liminar; Reingresso CONSEPE.

Os dados apontam que 58% dos bolsistas são, predominantemente, do sexo feminino. Com relação à origem escolar dos estudantes que participaram como bolsistas do PIBIC/UFPB, no período de 2007 a 2014, 38% cursaram o ensino médio em escolas públicas e 53% em escolas da rede particular. Quanto à forma de ingresso na UFPB, 80% dos bolsistas ingressaram por meio do Processo Seletivo Seriado (vestibular) e apenas 13% ingressaram pelo processo ENEM/SISU.

Analisando esses dados, podemos mensurar que a inserção dos estudantes de origem popular nos programas acadêmicos tem sido uma conquista e ao mesmo tempo uma preocupação, pois entendemos que a política de expansão com inclusão mediante a oferta de programas acadêmicos não tem contemplado a demanda atual de estudantes. “Afinal, o acesso sem a garantia das condições para o sucesso pode limitar a concretização da permanência inclusiva” (JEZINE, et al 2015).

São inúmeras as vantagens da Iniciação Científica - IC para a formação dos estudantes de graduação visto que esse é um importante instrumento para ajudar os estudantes a cumprir as exigências da graduação. Principalmente, porque a relevância da IC consiste em abrir novos horizontes educacionais e até profissionais para os estudantes, como afirmam Fava-de-Moraes e Fava (2000):

[...] Também pode-se mencionar que, em geral, todos os estudantes que fizeram iniciação científica têm melhor desempenho nas seleções para a pós-graduação, terminam mais rápido a titulação, possuem um treinamento mais coletivo e com espírito de equipe e detêm maior facilidade de falar em público e de se adaptar às atividades didáticas futuras. (FAVA-DE-MORAES; FAVA, 2000, p.75).

Nesse sentido, a amostra casual selecionada para a obtenção dos dados quantitativos foram os estudantes/bolsistas do PIBIC/CNPq, a quem foram aplicados sessenta (60) questionários. Estes questionários foram aplicados durante a realização do XXI Encontro de Iniciação Científica da UFPB, no Centro de Ciências Jurídicas – CCJ/ Campus I – João Pessoa/PB, no mês de novembro de 2013.

Vale ressaltar que os critérios adotados para a seleção da amostra de estudantes que responderam os questionários levou em consideração os seguintes aspectos: estar atuando como bolsista do PIBIC/CNPq; estar regularmente matriculado em curso de graduação no Campus I/UFPB e ter cursado o ensino fundamental e/ou médio em escola pública.

O nosso propósito foi o de construir um perfil socioeconômico e acadêmico desses estudantes e posteriormente, identificar aqueles que se enquadrassem no perfil da entrevista semiestruturada (etapa posterior das narrativas biográficas).

Quanto à caracterização socioeconômica da amostra, temos 66,7% do sexo feminino e 33,3% do sexo masculino. Residindo em sua maioria, 78,3%, no estado da Paraíba e 21,7% são oriundos de outros estados. O recorte etário de maior número na amostra ficou na faixa dos 19 a 24 anos de idade, com 71,7%. A maior parte da amostra, 90%, declarou-se solteira, residindo com os pais (56,7%), ou dividindo residência com os colegas (20%), ou ainda, morando com parentes (10%).

Já o percentual de estudantes que moram sozinhos é muito pequeno, apenas 3,3%. Quanto à atividade profissional remunerada, a maioria, 91,7%, declara não trabalhar, ocupando-se exclusivamente das atividades acadêmicas. Essa informação se confirma nos dados de renda pessoal: 50% declaram não possuir renda própria e 32% declaram possuir

renda menor ou até um salário mínimo (alguns estudantes, ao responder essa questão, perguntavam se podiam considerar a bolsa de iniciação científica como renda).

Com relação à formação dos bolsistas no ensino médio, a maioria, 80%, é oriunda de escola pública. Observou-se ainda que, que a forma de ingresso desses estudantes na UFPB foi majoritariamente, 88,3%, pelo Processo Seletivo Seriado – PSS, sendo que 23,3% mudaram de curso após o ingresso na universidade. A maioria, 67,9%, dos bolsistas da amostra encontra-se cursando entre o 6º, 7º e 8º período da graduação. Todos esses dados são apresentados de forma mais detalhada na tabela nº 03, a seguir:

**Tabela 03** – Frequências e percentuais referentes aos dados socioeconômico dos bolsistas do PIBIC – 2013 (continua...)

Variável		f	%
Sexo	<b>Feminino</b>	<b>40</b>	<b>66,7</b>
	Masculino	20	33,3
Idade	<b>19 a 24 anos</b>	<b>45</b>	<b>75,0</b>
	25 a 29 anos	15	25,0
Com quem reside	<b>Pais</b>	<b>34</b>	<b>56,7</b>
	Colegas	12	20,0
	Cônjuge	6	10,0
	Parentes	6	10,0
	Sozinho	2	3,3
Nível escolar da mãe	Ensino Fundamental Incompleto	8	13,3
	Ensino Fundamental Completo	10	16,7
	<b>Ensino Médio</b>	<b>30</b>	<b>50,0</b>
	Ensino Superior	9	15,0
	Pós-Graduação	3	5,0
Nível escolar do pai	Ensino Fundamental Incompleto	10	16,9
	Ensino Fundamental Completo	14	23,7
	<b>Ensino Médio</b>	<b>26</b>	<b>44,1</b>
	Ensino Superior	8	13,6
	Pós-Graduação	1	1,7
Estado civil	<b>Solteiro</b>	<b>54</b>	<b>90,0</b>
	Casado	5	8,3
	Outros	1	1,7
Trabalha	<b>Não</b>	<b>55</b>	<b>91,7</b>
	Sim	5	8,3
Renda	Menos de 1 salário mínimo	6	10,3
	1 salário mínimo	13	22,4
	Entre 2 e 3 salários mínimos	8	13,8
	Entre 4 e 5 salários mínimos	2	3,4
	<b>Não tem renda própria</b>	<b>29</b>	<b>50,0</b>

**Tabela 03** – Frequências e percentuais referentes aos dados socioeconômico dos bolsistas do PIBIC – 2013 (conclusão...)

Variável		f	%
Local onde reside	<b>Paraíba</b>	<b>47</b>	<b>78,3</b>
	Outros Estados	13	21,7
Origem escolar no ensino médio	<b>Pública</b>	<b>48</b>	<b>80,0</b>
	Privada	3	5,0
	Pública e Privada	9	15,0
Forma de ingresso na UFPB	<b>PSS</b>	<b>53</b>	<b>88,3</b>
	SISU	4	6,7
	Transferido	2	3,3
	Outros	1	1,7
Ingressou em outro curso de graduação	<b>Não</b>	<b>46</b>	<b>76,7</b>
	Sim	14	23,3
Período que está cursando a graduação	4º /5º períodos	12	21,4
	<b>6º / 7º / 8º períodos</b>	<b>41</b>	<b>67,9</b>
	9º / 10º períodos	7	10,7

Fonte: Resultados obtidos com a tabulação dos 60 questionários, utilizando o software *Statistic Program for Social Sciences – SPSS*.

A partir desse levantamento prévio, procuramos analisar a relevância de alguns dados recolhidos e traçar um perfil dos bolsistas PIBIC/CNPq – 2013, como propósito de entender a trajetória e os dispositivos que favoreceram, ou não, a permanência dos estudantes de escolas públicas no ensino superior.

- a) Verificamos que a distribuição etária/sexo dos estudantes/bolsistas PIBIC é constituída de um público jovem, 75% têm idade entre 19 e 24 anos, e, em sua maioria, pertencem ao sexo feminino. O grupo feminino representam 66,7% da amostra.

A forte presença do sexo feminino no ensino superior é comprovada pelos dados do Censo da Educação Superior 2013 ao apresentar o *ranking* dos 10 maiores cursos de graduação em número de matrículas no Brasil. Os dados revelam que as mulheres estão em maioria entre os universitários tanto em termos de matrículas efetuadas (55,5% feminino contra 44,5% masculino) como de concluintes (59,2% feminino contra 40,8% masculino). Os dados apontam que as mulheres exercem predomínio nas áreas das Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e da Saúde, como é o caso dos cursos de: Pedagogia;

Psicologia; Serviço Social; Gestão de Pessoas; Enfermagem; Fisioterapia; Arquitetura e Urbanismo. O diferencial desses dados aponta para uma crescente diversidade de gênero nas áreas historicamente destinadas ao sexo masculino, já que as mulheres estão em maioria nos cursos de Administração, Direito e Ciências Contábeis, perdendo apenas na área das Ciências Exatas e das Engenharias, que ainda continuam com a hegemonia masculina.

No entanto, segundo a avaliação Matos (2011) (retirada da reportagem de Priscilla Borges (2001) “Maioria no ensino superior, mulheres ainda estão em desvantagem”, iG Brasília, <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/maioria-no-ensino-superior-mas-longe-dos-cargos-de-chefia/n1597400100786.html>>), do Departamento de Ciência Política e coordenadora do Núcleo de Estudos sobre a Mulher da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o ambiente acadêmico é discriminatório:

Existe um mito de que a ciência e a academia são lugares isentos. É fundamental que a gente compreenda que esses campos são políticos, lugares de disputa de poder. E, por isso, ele reflete o contexto social no qual está inserido: uma sociedade patriarcal, machista, racista e heterossexista. Não vamos encontrar mulheres, negros e homossexuais em postos de grande importância. (MATOS, 2011, p.3).

Essa declaração de Matos (2011) encontra relação com os estudos teóricos de Alves et al (2013), cuja pesquisa foi realizada com os estudantes na Universidade de Lisboa (UL) com o intuito de investigar as razões do sucesso, insucesso e abandono escolar. Os autores afirmam que Portugal é um dos países europeus que apresenta uma das maiores taxas de feminização no ensino superior, 69,1%, porém, a procura feminina na UL não pode deixar de ser associada à estrutura da oferta de cursos dessa instituição, cujo maior peso é nas áreas de Humanidades, das Ciências da Vida e da Saúde. Portanto, os dados recolhidos na pesquisa dos autores confirmam a tese de que as escolhas escolares dos estudantes variam em função do gênero, como é o caso dos cursos de Belas Artes, Psicologia e Educação majoritariamente cursados por mulheres, ao passo que os cursos nas áreas de Ciências são

predominantemente cursados por homens. Apesar de reconhecerem que as mulheres têm diversificado mais suas escolhas de curso no ensino superior, “rompendo com os estereótipos vocacionais e profissionais associados ao gênero” (p.22), elas ainda têm um longo caminho a percorrer até conseguir uma justa paridade no campo profissional:

As raparigas participam em trajetórias mais longas, não só porque obtêm melhores resultados escolares [...] mas, também porque a escolarização é uma forma de adiar a entrada num mercado de trabalho que lhes é pouco favorável e de se munirem de credenciais que lhes permitam fazer face às desigualdades de oportunidades perante o emprego e a remuneração. Com efeito, tudo se passa como se as mulheres antecipadamente soubessem aquilo que vários estudos têm demonstrado: elas precisam de mais educação do que os homens para aceder aos mesmos níveis de qualificação. (GRÁCIO, 1997; BRADLEY, 1999 apud ALVES et al 2013, p.21).

A tabela nº 04 apresenta a distribuição da amostra obtida contemplando uma relativa diversidade de cursos de graduação no Campus I/UFPB, principalmente nos Centros de Ciências Exatas e da Natureza; Ciências Humanas, Letras e Artes; Ciências Sociais Aplicadas e Centro de Tecnologia. A significativa presença das mulheres nessa diversidade de cursos confirma a lógica dos estudos apresentados por Alves et al (2013) de que elas estão fazendo escolhas vocacionais menos tradicionais do que os homens e que as diferenças entre gênero tendem a diminuir.

**Tabela 04** – Cursos de graduação contemplados na amostra por Centro de Ensino (Campus I/UFPB) e por gênero, segundo dados de matrículas no período 2013.2

CENTRO DE ENSINO	AMOSTRA OBTIDA 60 bolsistas (f)	CURSOS DE GRADUAÇÃO	SEXO (f)	
			Feminino	Masculino
CCEN	9	Estatística	2	1
		Matemática	1	1
		Química	2	
		Geografia	1	1
CCHLA	13	Ciências Sociais	3	
		História	-	1
		Letras	1	
		Mídias Digitais	2	
		Psicologia	2	2
		Serviço Social	2	
CCM	3	Medicina	2	1
CE	6	Pedagogia	5	1
CCSA	7	Administração	1	1
		Biblioteconomia	1	
		Economia	1	1

		Relações Internacionais	1	1
CT	14	Eng. de Materiais	3	1
		Eng. Civil e Ambiental	2	2
		Eng. Elétrica	1	1
		Eng. Química	4	
CSS	4	Fonoaudiologia	1	2
		Odontologia	1	-
CCJ	2	Direito	-	2
CCTA	1	Jornalismo	-	1
CI	1	Ciência da Computação	1	
	60	<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>20</b>

Fonte: Dados da pesquisa obtidos a partir da aplicação dos questionários.

b) Observamos que as **origens socioeducativas** dos estudantes/bolsistas PIBIC/UFPB em sua maioria são provenientes de núcleos familiares cuja formação está concentrada no nível do ensino fundamental e médio (80% das mães e 84,7% dos pais), e uma minoria de estudantes provém de famílias com elevado capital socioeducativo, ou seja, os pais possuem formação de nível superior e pós-graduação (20% das mães e 15,3% dos pais).

Para Bourdieu (1998), as origens socioeducativas dos estudantes, ou seja, os “recursos culturais herdados” são apontados como um dos fatores que exerce forte influência no processo de construção de um sistema de disposições para o prolongamento dos estudos e no tipo de investimento que será dado na carreira escolar dos filhos. Ora, o perfil altamente escolarizado dos núcleos familiares (pais que possuem títulos de nível superior) “é propiciador de uma socialização antecipada na vida universitária e de uma maior familiaridade com a cultura e o *ethos* universitário” (Alves et al 2013, p.24). Por outro lado, as famílias com baixo capital cultural e financeiro investiriam de forma moderada na carreira escolar dos filhos, temendo os riscos.

Apesar de Bourdieu defender essa tendência involuntária das disposições familiares em relação ao investimento escolar dos filhos, o autor reconhece, na sua obra *Os herdeiros – os estudantes e a cultura*, a existência das exceções, dos casos singulares. “Seria necessário estudar mais precisamente as causas ou as razões que determinam esses destinos

de exceção, mas tudo permite pensar que as encontraríamos em singularidades do meio familiar” (BOURDIEU e PASSERON, 1964, p.42).

No estudo das trajetórias ascendentes, das improváveis ascensões, Lahire (1997) discute os limites da teoria do capital cultural herdado e do *habitus* ao demonstrar que outros fatores existentes nas configurações familiares intervêm no processo de escolarização dos filhos e, portanto, o sucesso escolar (trajetórias prolongadas de escolarização) ou a mobilidade ascendente não podem ser associadas ou redutíveis a possessões e a efeitos de posição inicial e de trajetória anterior.

Desse modo, não há correspondência linear e direta entre o capital escolar dos pais e o sucesso escolar dos filhos, uma vez que essa correspondência linear e direta depende da configuração familiar em que pais se inserem, “[...] a herança cultural nem sempre consegue encontrar as condições adequadas para que o herdeiro herde” (LAHIRE, 1995, p.274, apud TEIXEIRA, 2008).

Analisando os dados anteriores, podemos concluir que não é suficiente vincular as trajetórias ascendentes de escolarização desses estudantes/bolsistas às suas origens socioeducativas, visto que somente a minoria é proveniente de núcleos familiares dotados de elevados níveis de formação acadêmica. Assim, percebemos que a configuração das trajetórias de escolarização desses estudantes é bastante diversa e, portanto, reforça a lógica de partilharmos da perspectiva de Bernard Lahire que defende uma sociologia da pluralidade e da complexidade de disposições sociais, na qual é possível compreender os casos singulares de sucesso acadêmico.

Por outro lado, os dados reforçam a tese de que, nos últimos anos, tem ocorrido uma maior democratização do acesso às universidades públicas, como também uma maior diversidade das escolhas de cursos no ensino superior pelos jovens provenientes das



classes populares, mas ainda não podemos afirmar que esse aumento de oportunidades de acesso tenha contribuído para uma democratização igualitária.

- c) Em termos acadêmicos, identificamos que a maioria destes jovens (95%) apresenta percursos lineares de escolaridade, isto é, nunca vivenciou uma situação de abandono escolar; mais da metade (58%) ingressou no ensino superior na primeira tentativa, sendo a maioria por meio do Processo Seletivo Seriado (PSS); e o grau de identificação deles com o curso que frequentam é muito positivo, a maioria (73%) se mantinha no mesmo curso e afirmava ter um nível de satisfação entre 9 e 10.

Os dados descritos na tabela 05 revelam alguns indicadores de excelência escolar deste grupo de estudantes/bolsistas, tais como:

**Tabela 05** – Indicadores de sucesso acadêmico dos bolsistas PIBIC, segundo o sexo.

SEXO	Abandonou os estudos na educação básica (f)		Quantas vezes tentou ingressar no ES (f)			Grau de identidade com o curso de graduação numa escala de 0 a 10 (f)			
	Sim	Não	1 vez	2 vezes	3 ou vezes	Nota 7	Nota 8	Nota 9	Nota 10
<b>Feminino (40)</b>	2	38	23	14	3*	3	10	14	13
<b>Masculino (20)</b>	1	19	12	8	---	2	1	8	9
Total (60)	3	57	35	22	3	5	11	22	22

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Dados obtidos a partir da aplicação dos questionários

Nota: \*Os estudantes que realizaram três ou mais tentativas de ingresso no ES são do curso de medicina.

Apesar destes indicadores de sucesso escolar, os bolsistas PIBIC (oriundos de escolas públicas) enfrentam algumas dificuldades para permanecerem frequentando o ensino superior. A entrada no ensino superior está longe de ser, para todos os jovens, um ponto de chegada; para alguns, ela corresponde a um ponto de partida para um percurso acadêmico diferente (ALVES et al 2013, p.24).

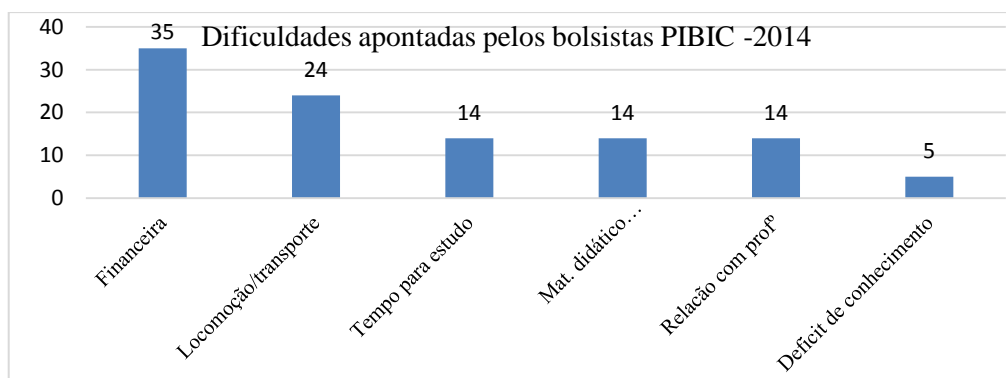
Portanto, conhecer as dificuldades que os estudantes oriundos de escolas públicas enfrentam no decorrer da sua graduação e como lidam com esses desafios é uma forma de

entender as configurações que o sucesso ou o insucesso escolar assumem nas suas trajetórias.

d) Verificamos que, dentre as principais dificuldades apontadas pelos estudantes/bolsista para continuarem frequentando o ensino superior, o fator financeiro foi o que apresentou maior relevância. Ao serem questionados sobre a relação trabalho e estudo, a maioria (91,7%) dos bolsistas declarou não possuir vínculo de trabalho. E, quando questionados sobre a sua renda pessoal ou familiar, eles afirmaram que, além da ajuda de custo do PIBIC, 50% não possuíam renda própria e 46% declararam que sua renda não ultrapassava três salários mínimos, confirmando a condição de estudante de baixa renda. No entanto, esse último dado também pode ser interpretado como sendo a renda familiar já que, além de não trabalharem, 90% dos bolsistas se declararam solteiros e 76,7% deles residiam com os pais ou colegas.

Outras dificuldades também foram relatadas pelos estudantes, como: a falta de tempo para o estudo, a insuficiência de material didático e a relação professor x aluno. Em menor escala, os estudantes apontam a dificuldade de déficit de conhecimento para acompanhar o desenvolvimento das disciplinas, resultante da sua formação no ensino médio, conforme descrito no gráfico 02 abaixo:

**Gráfico 02** – Principais dificuldades evocadas pelos estudantes oriundos de escolas públicas para frequentar o ensino superior na UFPB.



Fonte: Dados da pesquisa (2015) obtidos a partir da aplicação dos questionários.

As condições socioeconômicas destes estudantes convergem para os estudos que a Sociologia da Educação tem se interessado, nas duas últimas décadas, que é a relação entre estudantes de origem popular, família e universidade. Pesquisadores, como Zago (2006) apontam que essa discussão tem relação com os indicadores de longevidade escolar e as trajetórias excepcionais nos meios populares, visto que as pesquisas recentes têm mostrado que as ações empreendidas pelos atores sociais são de valorização do processo de escolarização, o que contradiz a lógica da sociologia clássica segundo a qual o sucesso ou o fracasso escolar é condicionado pelos indicadores econômicos e sociais ou familiares.

Em outras palavras, as famílias das camadas populares não podem ser responsabilizadas pelo insucesso educacional dos seus filhos, pois, mesmo que os pais tenham baixo nível de escolaridade e enfrentem dificuldades financeiras, os filhos criam estratégias para terem sucesso na educação, como é o caso do prolongamento dos estudos em nível superior.

Diante do limitado orçamento familiar, muitos desses jovens se veem desafiados a buscar alternativas para a complementação da renda, sem necessariamente partir para o campo de trabalho, pois isso poderia colocar em risco seu desempenho acadêmico na graduação.

Embora a família disponibilize algum apoio financeiro, ele não é suficiente, pois a necessidade de complementação da renda durante a graduação é evidenciada nos relatos dos bolsistas ao mencionar as estratégias que utilizam para driblar as dificuldades e conseguir manter as despesas básicas de transporte, xerox e alimentação.

O quadro a seguir apresenta algumas estratégias citadas pelos estudantes/bolsistas para superar as dificuldades e permanecer frequentando a graduação:

**Quadro 01** – Estratégias adotadas para permanecer frequentando a graduação no Campus I/UFPB.

<b>Dificuldades enfrentadas</b>	<b>Relatos de jovens bolsistas do PIBIC/CNPq oriundos de escolas públicas</b>
Financeira/	“Procuo trabalhar nos finais de semana em atividades não oficiais que me ajudam financeiramente, como auxiliar de fotógrafo, cuidadora, vendas informais de produtos da Natura” (Estudante de Psicologia, 8º período).
	“Estar sempre participando de algum programa acadêmico (bolsa) para ajudar meus pais na questão financeira” (Estudante de Economia, 10º período).
Locomoção	“No início do curso vendi brigadeiros na sala de aula para conseguir alguma renda, mas isso estava consumindo meu tempo de estudo e decidi parar. No momento não estou recebendo bolsa, recebo ajuda de meus pais [...] mas posso afirmar que a bolsa de IC me dava mais liberdade para investir na carreira acadêmica” (Estudante de Medicina, 9º período).
Financeira/locomoção	“Corte no orçamento familiar para conseguir pagar a condução (transporte) e recorro à utilização dos serviços universitários como o RU e HU” (Estudante de Letras, 5º período).
Falta de tempo para estudo e déficit acadêmico decorrente da formação no ensino médio	<p>“Me dedico bastante aos estudos e me empenho no projeto do qual faço parte” (Estudante de Engenharia Elétrica, 7º período).</p> <p>“Me esforço para não ficar reprovada em nenhuma cadeira do período, procuro não faltar aulas e busco ajuda dos professores nas disciplinas que tenho dificuldade” (Estudante de Administração, 7º período).</p> <p>“Procuo organizar o tempo de estudo, aumentar o ritmo de estudo nos dias da semana e participar de grupos de estudo, visando adquirir mais conhecimento” (Estudante de Relações Internacionais, 6º período).</p> <p>“Envolvimento em projetos acadêmicos que permitem tanto crescimento intelectual quanto suporte econômico” (Estudante de Direito, 7º período).</p> <p>“Estudar e manter o foco no objetivo de concluir o ensino superior” (Estudante de Jornalismo, 5º período).</p>
Material didático insuficiente e Assistência Estudantil da universidade precária	<p>“Utilizo livros virtuais e moro na Residência Universitária, e para suprir a lacuna de conhecimentos é necessário uma carga maior de leitura” (Estudante de Ciências Sociais, 4º período).</p> <p>“Estar atento a grupos de pesquisa e ser atuante no que diz respeito aos movimentos sociais. Busco meus direitos como aluno nos programas de acesso e permanência, que vale lembrar: são precários” (Estudante de História, 7º período).</p>

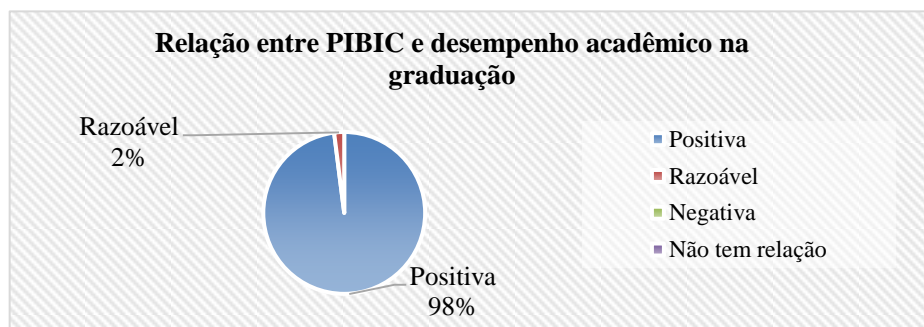
Fonte: Dados coletados dos questionários aplicados aos bolsistas PIBIC/CNPq.

Dentre as estratégias adotadas para superação das dificuldades, observamos que a principal é buscar ajuda nos programas universitários, por exemplo, nos Programas de Assistência Estudantil (auxílio moradia e alimentação, saúde) e também nos Programas Acadêmicos que oferecem bolsa de estudo, assim poderão conciliar as dificuldades financeiras e também as lacunas acadêmicas.

A participação em programas acadêmicos emerge como uma alternativa muito significativa não só do ponto de vista financeiro, mas principalmente como crescimento acadêmico. Esse fato é constatado quando perguntamos aos bolsistas, oriundos de escolas públicas: “de que modo sua atuação no PIBIC/CNPq favoreceu seu desempenho

acadêmico na graduação?” A resposta foi quase que unânime, 98% dos bolsistas avaliaram como positiva essa relação entre PIBIC e graduação, conforme ilustra o gráfico 03, a seguir:

**Gráfico 03** – Avaliação dos bolsistas sobre o grau de influência do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFPB na sua formação acadêmica durante a graduação.



Fonte: Dados obtidos com a aplicação dos 60 questionários.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq visa a, dentre os seus objetivos, despertar a vocação científica e incentivar talentos potenciais para a pesquisa entre os estudantes de graduação, mediante participação em projetos de pesquisa, bem como estimular uma maior articulação entre a graduação e a pós-graduação.

No caso do PIBIC/CNPq, os estudantes selecionados para fazer parte do programa devem atender a uma série de exigências, tais como: estar regularmente matriculado no curso de graduação; não ser reprovado em nenhuma disciplina cursada durante a vigência do Projeto; não ter vínculo empregatício durante a vigência do Projeto; e deve cumprir as atividades propostas no plano de trabalho, com jornada de 20 horas semanais.

O Programa disponibiliza bolsas de estudos anualmente. Em 2014, mais de 1.000 estudantes foram contemplados na UFPB, mas esse número não é suficiente para atender à demanda de estudantes matriculados que se enquadram na categoria de baixa renda.

Na visão dos estudantes, o programa reúne uma série de vantagens que estimulam a participação deles, tornando o processo de seleção bastante disputado, pois além de

contribuir com a assistência financeira, o programa gera, no estudante, expectativas de crescimento acadêmico na graduação, desejo de continuar os estudos na pós-graduação e enriquecimento do currículo para entrada no mercado de trabalho.

Em geral, os programas de Iniciação Científica podem ser considerados como ferramentas importantes na busca de melhorias das condições de inclusão e permanência de jovens de origem popular na universidade pública. Contudo, os dados apontam para a necessidade de maior aprofundamento no estudo dessas populações, trazendo nova compreensão sobre as experiências desses jovens, suas dificuldades, suas expectativas e como lidam com os desafios na educação superior. Conhecer o impacto dos programas de assistência estudantil e monitorar o funcionamento deles é atribuição direta da gestão universitária, que pode e deve ser apoiada pela pesquisa acadêmica.

### **Considerações Finais**

De modo geral, constatamos que o processo de expansão da educação superior provocou mudanças não somente no perfil dos estudantes dos cursos de graduação no Campus I da UFPB, mas também se percebe uma ascensão vertical dos indivíduos das classes populares aos estratos superiores, principalmente nos cursos de “alto prestígio social”, e nos arriscamos em dizer que esse fenômeno reflete os efeitos das políticas públicas implementadas a partir do Programa do REUNI, que demandou a criação de 37 novos cursos, dentre outras ações.

Com relação aos objetivos específicos da pesquisa – “conhecer o perfil socioeconômico dos estudantes oriundos de escolas públicas e identificar as estratégias adotadas para lidar com as dificuldades que afetam sua permanência na universidade” –, percebemos que, dentre as dificuldades apontadas pelos estudantes, a questão financeira constitui o fator que mais influência à permanência ou não do estudante no ensino superior,

visto que a maioria (91,7%) não possui vínculo de trabalho e 46% declararam ser provenientes de famílias de baixa renda.

No entanto, as pesquisas relacionadas ao desempenho acadêmico demonstram que não basta garantir o acesso ao ensino superior, é preciso possibilitar aos estudantes as condições reais para a sua permanência na graduação, bem como sua conclusão ocorra com sucesso. Ao descrever os programas implementados pela UFPB no campo da assistência estudantil e no campo da pesquisa, temos a intenção de chamar a atenção para desproporção entre a demanda e a oferta e, ao mesmo tempo, enfatizar a necessidade de ampliação desses programas com vistas à melhoria das taxas de desempenho.

Particularmente, no caso dos estudantes oriundos de escolas públicas e/ou de baixa renda, afirmamos que esses Programas têm um valor imensurável para a permanência dos mesmos na graduação. Os programas acadêmicos de Iniciação Científica, no campo da pesquisa, além de funcionarem como um importante aliado à formação, também oferecem aos estudantes o auxílio financeiro (bolsa) que lhes possibilita a condição de atuar com dedicação exclusiva para os estudos. Do contrário, muitos jovens são pressionados a buscar algum tipo de atividade remunerada para se manter na graduação, mas, nem sempre o tipo e as condições dessas ocupações produzem reflexos positivos na formação acadêmica e profissional dos mesmos.

Não estamos enfatizando apenas a condição socioeconômica destes estudantes, mas, sobretudo, chamando a atenção para as garantias de oportunidades educacionais que o Estado como provedor do direito à educação precisa assegurar a todos, de modo que os alunos desfrutem das mesmas condições de acesso aos bens materiais e culturais socialmente produzidos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, N. et al. Ficar, mudar ou abandonar: trajetórias e perfis de mobilidade no ensino superior. In: ALMEIDA, A. N. de. (Coord.) **Sucesso, insucesso e abandono na Universidade de Lisboa: cenários e percursos**. Lisboa, EDUCA - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2013.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **Les Héritiers**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964. \_\_\_\_\_. **Escritos da Educação**. Petrópolis. Vozes, 1998.
- COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FAVA-DE-MORAES, F.; FAVA, M. **A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos**. São Paulo Perspectiva. 2000, vol.14, n.1, pp. 73-77. ISSN 1806-9452.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios**. Síntese dos Indicadores, 2014. Rio de Janeiro, 2015. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2016
- JEZINE E. M. A.; FARIAS S. B.; FELINTO J.F. **Reflexões sobre expansão x permanência na UFPB**. XXIII Seminário da Rede Universitas/BR. Belém 2015.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- REZENDE PINTO, J.M.R. **O acesso à educação superior no Brasil**. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 25, n. 88, p. 727-756, Especial - Out. 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 12 maio 2014.
- SETTON, Maria da Graça J. **Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade**. Educação e Sociedade, vol.26, nº 90, Campinas. Jan-abril, 2005.
- TEIXEIRA, E. **Histórias Singulares: Trajetórias de Sucesso Escolar no Ensino Superior de Jovens Provenientes de Contextos Descapitalizados**. VI Congresso Português de Sociologia. Universidade de Lisboa. Portugal. 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/420.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2014.
- UFPB. **Relatório de Gestão 2013 da Universidade Federal da Paraíba**. (REUNI/UFPB). Mar. 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/reuni/>>. Acesso em: 12 maio 2014.
- ZAGO, N. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares**. In: Revista Brasileira de Educação. Vol.11, nº 32. mai/ago de 2006.